



Encantar a saúde: uma autoetnografia no centro de agricultura Xukurú de Ororubá.

Enchanting health: an autoethnography at the Xukurú de Ororubá Agriculture Center.

FREITAS, Mariana Ribeiro Starling Diniz¹; ORDONIO, Iran Neves²; TIMOTEO, Maria de Fatima Sobrinho³; PEREIRA, Ângela Neves⁴; ALMEIDA, Edgar Oliveira de⁵;

¹ Universidade de Pernambuco, mariana.starling@upe.br; ² Coletivo Jupago Kreká, iranxukuru@gmail.com; ³ Coletivo Jupago Kreká, marcia_sobrinho@hotmail.com; ⁴ Coletivo Jupago Kreká, belaxukurucaxo@gmail.com; ⁵ Coletivo Jupago Kreká, edgar.almeida@bol.com.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Na terra indígena Xukurú de Ororubá, agreste de Pernambuco, há um lugar chamado Centro de Agricultura Tradicional (CAXO), onde o coletivo Jupago Kreká atua, cotidianamente, na regeneração socioambiental do território. E ainda, no cuidado com a ancestralidade e a espiritualidade, que também estão vinculadas a regeneração e constituem o 'processo de encantamento'. A experiência no território, proporcionada pelo estágio estratégico da Residência Multiprofissional Integrada em Saúde Coletiva com ênfase em Agroecologia da UPE Garanhuns pretendeu, a partir da metodologia da autoetnografia, compreender e refletir como os sentidos de saúde, cuidado e encantamento são concebidos pelos sujeitos desse coletivo, a partir de suas cosmovisões. Para esse grupo do povo indígena Xukurú a saúde não pode ser centrada no humano, mas sim em relação com a natureza. O presente trabalho é relevante para o campo agroecológico pois, evidencia e enaltece saberes e práticas de saúde tradicionais indígenas.

Palavras-chave: xukurú de ororubá; saúde indígena; regeneração; agroecologia; autoetnografia.

Introdução

Esse resumo expandido visa contar e refletir alguns aspectos e olhares da minha experiência de trabalho de campo dentro do território indígena Xukurú de Ororubá. Um dos objetivos desse olhar foi apreender as práticas e os sentidos atribuídos à saúde pelos sujeitos, coletivos e individuais, dessa comunidade. A entrada no campo se deu através do mandato enquanto residente no Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde Coletiva com ênfase em Agroecologia (PREMISCA) da Universidade de Pernambuco (UPE), Multicampi Garanhuns.

O território Xukurú de Ororubá se localiza, em quase sua totalidade, no município de Pesqueira e uma pequena parte no município de Poção, no agreste de Pernambuco. Conta com uma população de aproximadamente 11.000 indígenas espalhados em 24 aldeias e 2 bairros na zona urbana de Pesqueira que faz divisa com o limite das terras demarcadas. Na década de 80 o povo Xukurú inicia o



processo de retomada do seu território tradicional e sagrado contra latifundiários e posseiros.

No final da década de 80, a FUNAI começa o processo de identificação e regularização das terras Xucurus, que foram homologadas no início dos anos 2000 (BRUGNAGO, 2002). Após anos de ocupação da terra pela agricultura e agropecuária extrativista, que ocasionou na destruição da mata nativa-encantada, assim como, no distanciamento da agricultura e do modo de vida tradicional Xukurú, o processo de retomada segue em curso.

Há neste processo a retomada de territórios simbólicos, éticos, políticos e subjetivos. A partir desse entendimento, o povo Xukurú tem se organizado em torno do “Projeto de Vida Xukurú”, que em suma implica na definição dos modos de como ocupar o território. Na construção do Projeto, há um grande ator protagonista que é o Centro de Agricultura Xukurú de Ororubá, mais conhecido como CAXO da Boa Vista.

Atualmente o CAXO é uma grande referência na busca da consolidação do Limolaygo Toype (Bem Viver Xukurú de Ororubá), que tem como importantes lideranças Iran e Bella. Para o Bem Viver Xukurú a agricultura é um princípio ordenador e de comunicação com o reinado ancestral e sagrado dos Encantados. Por isso deve ser uma agricultura comprometida com a sustentabilidade e com a regeneração.

A Agricultura do Encantamento compreende uma rede de articulações relacionais muito mais complexa do que plantar-colher a partir de um paradigma agroecológico, ela é uma cosmovisão atrelada a uma topografia dos seres encantados. Modo de conhecer, ser, estar, se relacionar, podemos identificá-la assim como uma pedagogia, que tem como um forte vetor de força que a constitui, a negação da ideia colonial e capitalista de desenvolvimento.

Desde a imersão no território, participando das atividades diárias e me relacionando com as pessoas do local, optei por narrar essa experiência, enquanto uma residente em saúde, psicóloga, sanitarista em formação e militante do movimento agroecológico. Na minha vivência, sempre esteve presente a curiosidade sobre quais eram os sentidos de saúde para eles, assim como as práticas. Isto, a partir da cosmovisão Xukurú, e dos processos vividos pelos sujeitos integrantes dos coletivos que lá atuam.

Metodologia

Para fazer funcionar meu posicionamento ético e político perante os sujeitos com quem partilhei essa experiência, e que compartilharam alguns saberes e horas diárias de suas vidas comigo, optei por trabalhar metodologicamente com a autoetnobiografia. Pois, em seus princípios e eixos, essa metodologia veio de encontro com a minha forma de trabalhar e caminhar nessa experiência. E não é



novo o uso de metodologias das ciências humanas e sociais por parte de pesquisadores da área da saúde. Cada vez, há mais interesse por métodos qualitativos nas pesquisas em decorrência de novos paradigmas desse campo do saber (OLIVEIRA et al., 2013).

A autoetnografia enquanto um gênero da etnografia e com influências da autobiografia tem como princípio tratar de questões culturais a partir de uma narrativa pessoal, do micro para o macro (MAIA; BATISTA, 2020). O que é valorado nesse modo de produzir conhecimento é a experiência vivenciada. “Refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve)” (SANTOS, 2017:218).

Nas semeaduras do meu processo de imersão, decidi por trabalhar com o audiovisual, uma das ferramentas da autoetnografia. Me lembro de uma das minhas primeiras conversas com Iran Xukurú, em que ele verbalizou a intenção de expandir, para fora do povo, o que eles vêm resgatando e reinventando sobre a cosmovisão Xukurú. Penso que o audiovisual é uma forma de descolonizar a linguagem escrita, os textos acadêmicos. É uma estratégia de alcançar mais gente, as pessoas que não estão inseridas no universo da academia e até mesmo as iletradas.

As imagens e sons registrados na Serra do Ororubá foram mais que um recurso ou um enfeite estético para o trabalho. Outrossim, os registros fizeram parte do percurso metodológico. Como o registro do caminhar pelas matas junto a Iran, Fabrício, Zé e outros companheiros que compõe o mutirão de abertura de trilha pelas matas e pedras da Boa Vista as quintas-feiras de manhã.

As caminhadas pelas matas compuseram grande parte da minha rotina diária no território. E foi caminhando que fui construindo as trilhas desse trabalho. Um modo de fazer peripatético. Iran em uma entrevista me disse: “só aprende quem caminha, e só se reconecta quem tá caminhando”. No percorrer as trilhas fui tecendo os vínculos com as pessoas de lá, com os pássaros, as árvores, os animais, as pedras.

Dessa forma, a metodologia do trabalho se constituiu pelos registros audiovisuais em que foram gravadas entrevistas, o diário de campo e uma roda de conversa. Participaram os principais atores do coletivo Jupago Kreká: Iran, Bela, Ray, Dona Socorro, Fabrício e Edgar. Cada encontro desses foi singular, mas tentarei trazer algumas reflexões de algumas das perguntas que guiaram o roteiro das entrevistas, e que também estruturaram o roteiro do documentário. Basicamente as perguntas realizadas foram: “O que é o encantamento?”, “O que é saúde para você?”, “Como a saúde acontece aqui no CAXO?”, “O que é cuidado?”, “Você tem sonhos?”.

Resultados e Discussão

Na aprendizagem em movimento que se dava ao longo dos dias, comecei a observar como algumas noções de encantamento, desencantamento, seres encantados que formam a cosmologia espiritual Xukurú, e de saúde, foram aparecendo.



Quando perguntei sobre saúde, uma noção que apareceu em várias falas foi, “equilíbrio corpo, mente e espírito”. O corpo aqui é tido como corpo-casa que abriga espírito, “morada de espírito, morada dos ancestrais que a gente carrega.”, diz Bela. Os conceitos de saúde hegemônicos concebem o bem-estar físico e mental, mas na cosmovisão dos sujeitos do CAXO há o acréscimo do espírito. Isto é, há um terceiro eixo para se ter saúde, a prática espiritual. E na espiritualidade Xukurú os seres cultuados não são santos, mas forças que estão/são natureza. E o que seria o equilíbrio? Iran nos dá algumas pistas, “quando você busca esse equilíbrio e você está equilibrado, você tá conectado com a natureza. Então, o equilíbrio corpo, mente e espírito que nos leva a uma relação de zelo, de proteção, de moral, de decência com a natureza.”

Nas narrativas dos sujeitos entrevistados não é só essa definição que está intimamente atrelada a natureza, mas, quase todas. Dona Socorro fala: “a saúde é difícil porque faz parte da natureza e é difícil da gente explicar, porque é o encanto também”. Já Bela diz: “saúde é ter a terra liberta, é ter a mata livre, ver os pássaros livres, ter uma boa conexão com a natureza, saber interpretar um pássaro”.

Fabrício diz: “processos de cura são complexos, são coisas que a gente tem que passar pra conseguir, e todo dia ir melhorando. E o se aproximar da mata, de proteger a mata, que também passou pelos seus processos de adoecimento, não por culpa dela mas por culpa dos outros. E tá junto com ela nesse processo de cura ensina bastante a conseguir enfrentar os próprios processos de cura. Pra ela também não tá fácil de se recuperar. Mas vendo isso e estando nesse processo de cura dela ajuda bastante a compreender e acessar os próprios processos de cura que vai gerando essa saúde conjunta”.

Iran também traz um conceito de saúde que não é centrada na saúde humana, a partir de uma concepção de que não é possível haver ser humano saudável se os outros seres que compartilham esse planeta conosco não tiverem, o que corrobora com o princípio Xucurú de “eu natureza”. No Terreiro Sagrado, na mata, Iran me diz: “saúde é permanecer saudável e ter um território saudável. Imagina eu saudável em um ambiente adoecido ou em processo de adoecimento? Tem saúde? E eu tô falando de sistema, e não é sistema único não, que ele não é único”. Depois dessa frase demos algumas risadas e ele continua: “já começa errando por aí, porque ele não é o único sistema de saúde, existem outros sistemas (...) eu não sei se o termo tá certo mas eu uso o termo que é medicina sagrada (...) e ela coloca isso, essa condição, de você conectado”.

Nessa fala também percebo uma crítica ao modelo institucionalizado de saúde, que para Iran não é um sistema de saúde, mas um sistema centrado na doença e que há outras práticas de cuidado existentes. Compreendo que para ele o SUS não pauta visões mais radicais e holísticas de saúde que coloca na centralidade dos problemas o modo de vida capitalista, colonial e utilitarista em relação a natureza. Que são lógicas produtoras dos padecimentos humanos e não humanos.



Mas a definição de saúde que Iran mais repete e me parece gostar de dizer é, “saúde é saudar passarim”. Se o mestre do CAXO começou seguindo o rastro das sementes hoje me parece seguir o rastro dos passarinhos. No tempo em que estive no território foram incontáveis as vezes que, com muito entusiasmo, Iran saia para as trilhas na mata para escutar passarinho. E mesmo se tivesse outros motivos para caminhar na floresta, como levar algum grupo ou em dia de mutirão, ele estava muito sensível e atento aos cantos dos passarinhos e a comunicação que cada canto e espécie de pássaro emitia. Isso me produziu um movimento de exercitar o meu corpo na mata, para alargar minha sensibilidade auditiva. De exercitar um outro modo de presença, mais profunda, que carrego comigo até hoje.

Conclusões

O coletivo Jupago Kreká tem semeado e caminhado, desde 2012, com as práticas da cosmonucleação regenerativa. A agricultura que, a partir da cartografia dos seres encantados, planta floresta e água, interrompe o desmatamento a fim de reparar anos de latifúndios agropecuários e monoculturas, regenera a flora e fauna local e retoma as práticas ancestrais de cura e cuidado no Terreiro Sagrado da Boa Vista. Ao passo que os sujeitos do coletivo se movimentam para construir esses processos no território eles também são produzidos pelos processos de encantamento.

Os conceitos e as práticas de saúde, cuidado e encantamento que pude observar e vivenciar no território se encontram na valorização da natureza e na necessidade de sua regeneração. As concepções de saúde dos sujeitos do coletivo Jupago Kreká não se centram na saúde humana, é uma anti-visão antropocêntrica. E para ela se efetivar de fato é necessário que os outros seres que compartem a teia da vida na Terra também estejam saudáveis. Isso coloca um outro paradigma de saúde em relação aos adotados atualmente pelas instituições e órgãos de saúde mundiais e federais como o SUS.

A partir da lógica do encantamento, para se fazer saúde é necessário também se fazer agroecologia, enquanto um movimento que luta por um outro modo de ocupar o planeta, onde a mercantilização da vida em todas as suas formas é combatida e um sistema relacional sustentável e autônomo é defendido. É, em suma, uma luta contracolonial, já que esse tipo de racionalidade impôs a epistemologia e a prática de dominação da natureza, e de vidas humanas sobre outras vidas humanas, tidas como menos importantes. Mentalidade essa que é representada pelas práticas do agronegócio e mineração. Portanto, se pode concluir que se encantar é estancar as feridas da colonização em nós e na Terra.

A cosmovisão Xucurú, assim como, os saberes e práticas semeados por esse povo são enormes. Portanto, esse trabalho não pretendeu esgotar nenhuma discussão, apenas retratar, a partir de uma experiência etnográfica, caminhos que auxiliem



profissionais de saúde e a sociedade em geral a repensar alguns modos de compreender e praticar saúde.

Ao fim, os caminhos nos levam a um retorno a mata, aos seus cuidados por uma saúde conjunta. Apenas posso concluir com uma saudação que aprendi em território Xucurú e carrego comigo: “salve as matas, salve a natureza sagrada, salve o canto e os encantos!”.

Agradecimentos

- Povo Xukurú de Ororubá
- Membros do Coletivo Jupago Kreká e todos aqueles e aquelas que trabalham no CAXO da Boa Vista.
- Residência de Saúde Coletiva com Ênfase em Agroecologia, principalmente na figura da coordenadora Wanessa da Silva Gomes.

Referências bibliográficas

BRUGNAGO, Fabrício. 2021. COZINHANDO PELO TERRITÓRIO XUKURU: Construções cosmológicas e identitárias a partir de práticas alimentares. 217 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

MAIA, Suzana; DOS SANTOS BATISTA, Jeferson. 2020. REFLEXÕES SOBRE A AUTOETNOGRAFIA. Revista Prelúdios, Salvador, v. 9 (10): 240-246, ago./dez.

OLIVEIRA, Filipe Guterres Venancio Costa de. et al. 2013. A experiência dos diários reflexivos no processo formativo de uma residência multiprofissional em saúde da família. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 17: 201-210.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. 2017. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. Plural: Revista de Ciências Sociais, v. 24 (1): 214-241.